

## A IMPERATRIZ DO BRASIL

Hélio Damante

Um livro sobre d. Leopoldina, de quem se poderia pensar na da haver de novo a dizer depois da obra exaustiva de Alberto Rangel, estaria condenado a ser maçante repetição de coisas sabidas. O livro de Maria Amélia Arruda Botelho de Souza Aranha – *A Arquiduquesa D. Leopoldina, Imperatriz do Brasil* (São Paulo, Instituto Genealógico Brasileiro, 1985) – prova o contrário. A autora volta-se para um aspecto menos conhecido da vida da arquiduquesa da Áustria, a sua juventude na corte de Viena, seu casamento, por procuração, com o fundador do único império moderno sul-americano, no exato momento em que começava a empalidecer a estrela do império austríaco.

À mocinha que freqüentava Goethe e declamava seus poemas, muito ficaríamos a dever, pois, na verdade, D. Leopoldina foi nosso primeiro ministro da Cultura... Maria Amélia Arruda Botelho de Souza Aranha redescobriu nos arquivos de Viena desenhos da menina-moça, a revelarem seu gosto pelo belo, e coligiu exemplos de sua insaciável curiosidade intelectual, que o colorido e o isolamento dos trópicos avivaram.

O livro contribui para que não nos fixemos em demasia no estereótipo de d. Leopoldina, de esposa-mártir e mãe-amantíssima, cedo arrebatada aos sofrimentos deste vale de lágrimas e ao marido infiel.

Dela D. Pedro I, conquistador insaciável e não obstante ou por isso mesmo romântico, não poderia dizer o que de sua irmã, a Arquiduquesa Maria Luiza, escreveu Napoleão: “*Mon cher, espouzes une allemande, se sont les meilleurs femmes du monde, bonnes, naïves et fraîches como les roses*” (p. 20). Não nos iludamos, porém, pensando que os interesses de d. Leopoldina esgotavam-se na botânica e na mineralogia (ou nos conselhos políticos do casamenteiro Metternich). Como toda jovem, não desdenha a felicidade possível do lar. Em suas cartas aqui coligidas percebe-se quanto lutou para isso, em terra estranha e meio hostil.

A seu tio, o grão-duque Ferdinando III, escreve a recém-casada, às vésperas do regresso de D. João VI para Lisboa, isto é, na hora da verdade: “Sou feliz porque quero sê-lo; apesar de todas as vozes de in-

trigas grosseiras e preconceituosas que aqui tão freqüentemente se têm de suportar, o meu modo de portar-me é apenas de paciência e silêncio absoluto ( ... )” ( p. 39 ). Quando surgiu d. Domitila não se poderia dizer que a imperatriz estivesse despreparada.

Ao volume, fartamente ilustrado, a autora acrescenta retratos psicogenético-genealógicos da biografada, sobre os quais, como bem observa Francisco Marins no prefácio, é melhor aos leigos não ir além das chinelas.

( *Cultura*, supl. de “O Estado de S. Paulo”, 11-8-1985 ).